

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Curso de Especialização em Comunicação Pública da Ciência**

Paula Alkmim Figueredo Mendonça

**Os etimólogos**

Belo Horizonte

2022

Paula Alkmim Figueredo Mendonça

Os etimólogos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Comunicação Pública da Ciência da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação Pública da Ciência

Orientador: Prof. Bernardo Esteves Gonçalves da Costa

Belo Horizonte

2022

301.16 Mendonça, Paula Alkmim Figueredo.  
M539e Os etimólogos [recurso eletrônico] / Paula Alkmim  
2022 Figueredo Mendonça. - 2022.

1 recurso online (33 f. ) : pdf

Orientador: Bernardo Esteves Gonçalves da Costa.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Comunicação Pública da Ciência - Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Etimologia. 2. Ciência. 3.Língua portuguesa.

I. Esteves, Bernardo, 1976- . II. Universidade Federal de  
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

Realizou-se, no dia 06 de outubro de 2022, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Os etimólogos", apresentado por PAULA ALKIMIM FIGUEREDO MENDONÇA, número de registro 2020669816, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Comunicação Pública da Ciência da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Bernardo Esteves Gonçalves da Costa - Orientador, Profa. Verônica Soares da Costa e Prof. Yuri Castelfranchi.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

( ) Reprovado

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pelos membros participantes da Comissão.

Belo Horizonte, 06 de outubro de 2022.

Prof. Bernardo Esteves Gonçalves da Costa - Orientador

Profa. Verônica Soares da Costa

Prof. Yuri Castelfranchi



Documento assinado eletronicamente por **Verônica Soares da Costa, Usuário Externo**, em 06/10/2022, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Esteves Gonçalves da Costa, Usuário Externo**, em 06/10/2022, às 19:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juri Castelfranchi, Professor do Magistério Superior**, em 06/10/2022, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1772544** e o código CRC **25C7E5B6**.



## RESUMO

Como trabalham os etimólogos? Quais são os desafios envolvidos na busca pela origem das palavras? Essas são algumas questões que guiaram este Trabalho de Conclusão de Curso e resultaram na reportagem “Os etimólogos”. A matéria conta a história de um projeto desenvolvido por pesquisadores brasileiros que tinha como objetivo elaborar um novo e robusto dicionário etimológico de língua portuguesa, mas esbarrou em uma série de obstáculos. Para a elaboração da reportagem, foram consultadas publicações sobre o tema e foram realizadas entrevistas com pesquisadores, divulgadores e outras fontes ligadas à área. Ao contar a história desse projeto, o trabalho aborda o funcionamento da etimologia, suas controvérsias e seus desafios, como o combate às pseudoetimologias. Assim, a proposta do TCC é dar visibilidade à etimologia como ciência, uma vez que a área é mais conhecida pelo seu caráter de curiosidade, e contribuir para divulgação das ciências humanas, especialmente a linguística.

**Palavras-chave:** etimologia, origem das palavras, dicionário etimológico, comunicação da ciência

## ABSTRACT

How do etymologists work? What are the challenges involved in the search for the origin of words? These are some of the questions that guided this final project and resulted in the article “The etymologists”. The article tells the story of a project developed by Brazilian researchers that aimed to develop a new and robust etymological dictionary of the Portuguese language, but ran into a series of obstacles. For the preparation of the reportage, publications on the subject were consulted and interviews were conducted with researchers, promoters and other sources linked to the area. By telling the story of this project, the work approaches the functioning of etymology, its controversies and its challenges, such as the fight against pseudoetymologies. Thus, the proposal of the article is to give visibility to etymology as a science, since the area is best known for its character of curiosity, and to contribute to the dissemination of human sciences, especially linguistics.

**Key-words:** etymology, origin of words, etymological dictionary, science communication

## Sumário

1. REPORTAGEM.....	7
2. RELATÓRIO.....	22
2.1 Como tudo começou.....	22
2.2 Qual história contar?.....	24
2.3 Lições do Amerek.....	29
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

## Reportagem

### Questões vernaculares

## Os etimólogos

Por que a língua portuguesa ainda não tem um bom dicionário que explique a origem de suas palavras

“O seu feitio é como uma linda pirâmide, mas redonda tecida à maneira de pinha, e tem por coroa, e remate um galante pedaço de folhas, em lugar de plumas”. Assim o padre João Daniel descreve um abacaxi em 1776 em sua obra *Tesouro descoberto no rio Amazonas*. Esse é o primeiro documento em que o termo “abacaxi” aparece designando uma variedade de fruta. Antes de nomear a planta, no entanto, a palavra já era usada para se referir a um povo indígena, um rio e uma missão jesuítica.

Isso foi o que descobriu o professor Bruno Maroneze, do curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no Mato Grosso do Sul, em um artigo em que propõe reavaliar a etimologia da palavra abacaxi. De acordo com os dicionários, o vocábulo tem origem tupi e é formado pela junção dos elementos “ibá”, que quer dizer fruta, e “katí”, que recende ou que exala cheiro. Mas, segundo o professor, essa etimologia é, no mínimo, controversa, pois parece pouco provável que o nome de um povo e de um rio signifique “fruta que exala cheiro”.

Para entender essa história é preciso voltar no tempo. Mais de um século antes do *Tesouro descoberto no rio Amazonas*, precisamente em 1663, a *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, uma relação de povos indígenas apresentada pelo padre Simão de Vasconcelos, mencionava os Abacaxis, que habitavam um território entre os rios Tapajós e Madeira, no estado do Amazonas, e se extinguíram, provavelmente por epidemias ou guerras.

Por esse território passa o rio Abacaxis, um afluente do rio Madeira, que deságua na margem direita do Amazonas. O primeiro registro conhecido desse curso d’água apareceu em um mapa de 1691. Ainda antes da fruta, há registros de uma missão

jesuítica com o nome Abacaxi em um catálogo de missões jesuíticas pelo mundo de 1760. Essa missão se instalou às margens do rio de mesmo nome e promoveu a catequização não só dos Abacaxis, mas também dos Barés, dos Jumas e de outros povos da região.

O artigo de 10 páginas escrito por Bruno Maroneze sobre a etimologia da palavra abacaxi foi publicado em 2020 na revista *Filologia e Linguística Portuguesa*, da Universidade de São Paulo (USP). Resulta de uma pesquisa que Maroneze começou em 2017, quando passou a coletar os primeiros dados históricos sobre o povo e o rio Abacaxi.

O estudo aponta para uma incompatibilidade entre a etimologia consensual da palavra, - “fruta que exala cheiro” - registrada nos dicionários desde 1889, e sua primeira atestação, ou seja, o primeiro momento em que ela aparece registrada na língua portuguesa. Para o pesquisador, é preciso buscar no povo indígena, e não na fruta, a origem do vocábulo. “Não é exatamente um problema dos dicionários, é que simplesmente ninguém tinha analisado ainda os dados históricos, então não havia dúvida sobre a etimologia do abacaxi”, diz Maroneze. “Mas é óbvio que tudo pode mudar se encontrarmos uma referência à fruta antes dessas datas.”

Os documentos que o pesquisador levantou não esclarecem, no entanto, pontos cruciais: se a palavra abacaxi foi usada pela primeira vez para designar um povo indígena e seu rio, qual a relação entre eles e a fruta? Maroneze tem algumas hipóteses - imagina que a fruta fosse comum na região ou cultivada pelos indígenas -, mas a questão permanece em aberto.

Há pelo menos três situações possíveis nesse caso. Uma possibilidade é que os documentos que mostram a correlação entre os Abacaxis e o abacaxi de comer existem, mas ainda não foram descobertos. Pode ser ainda que esses documentos tenham existido e foram destruídos. Mas é possível também que eles nunca tenham existido. Nesse caso, a relação entre o povo e a fruta permanecerá, para sempre, um enigma.

**B**runo Maroneze é um etimólogo, ou seja, dedica-se a pesquisar a história das palavras, sua origem, evolução, suas mudanças de forma e significado. O



pesquisador de 41 anos é um estudioso do léxico desde os 19, quando começou a investigar temas como neologismos e formação de palavras. Nasceu em São Bernardo do Campo e mudou-se para Dourados em 2011, quando se tornou professor da UFGD. Maroneze já pesquisou a datação de 26 palavras ou acepções. Para um etimólogo, encontrar a data de nascimento de uma palavra é uma realização importante, o equivalente aproximado do que descrever uma espécie representa para um biólogo. Conhecer o contexto histórico em que um termo entrou no idioma ajuda a descartar explicações anacrônicas e traçar hipóteses mais refinadas para sua origem.

Maroneze é um dos cerca de 60 pesquisadores envolvidos com o Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa, um projeto desenvolvido por um núcleo de pesquisa da USP. A proposta é fazer um dicionário com a cara do século XXI, buscando a origem das palavras com a ajuda das ferramentas computacionais que estão transformando a prática etimológica. Com isso, o grupo pretende preencher as significativas lacunas históricas que existem nos dicionários etimológicos de língua portuguesa disponíveis. O projeto já coletou dados sobre a datação de mais de 25 mil verbetes, mas atualmente se encontra parado por falta de recursos.

A equipe por trás do dicionário inclui pesquisadores do Brasil e de países como Portugal, França e Alemanha, de áreas como filologia (disciplina que estuda documentos escritos antigos), morfologia (que investiga a estrutura e formação de palavras) e lexicografia (que se dedica à elaboração e organização de dicionários).

O projeto foi idealizado por Mário Viaro, pesquisador de 54 anos da USP, considerado o maior especialista em etimologia da língua portuguesa. Quando criança, em Botucatu, queria virar entomólogo, um estudioso de insetos. Começou a estudar latim por conta própria aos 12 anos para ler tratados científicos sobre opiliões (um tipo de aracnídeo). A partir daí tomou gosto também por outras línguas, como o alemão e o russo, e acabou decidindo trocar os insetos pelas palavras. Formou-se em Letras pela USP e a entomologia acabou virando apenas um hobby: “Ainda me embrenho pelas matas para fotografar insetos e consigo às vezes achar opiliões me valendo só do olfato, um talento que devo ter adquirido desde pequeno”, conta.

A etimologia só entrou em sua vida um pouco mais tarde, já na pós-graduação, quando foi convidado para fazer a revisão da parte etimológica do Dicionário Michaelis. “Nesse trabalho pude colocar a mão na massa e ver o que era etimologia de fato”, afirma. Depois disso, escreveu dois manuais de etimologia que viraram referências obrigatórias para os pesquisadores da área e assinou por dez anos uma coluna sobre a origem das palavras na extinta revista *Língua Portuguesa*.

À medida que se dedicava ao assunto, Viaro passou a sonhar com a criação de um novo dicionário etimológico de língua portuguesa. Segundo o professor, dentre as línguas românicas, isto é, aquelas que vieram do latim, a portuguesa é a única que não tem um dicionário etimológico robusto, talvez porque seja o idioma menos conhecido desse grupo do ponto de vista histórico.

Segundo Bruno Maroneze, a defasagem da pesquisa etimológica na língua portuguesa em relação a outros idiomas pode ser explicada por motivos como a falta de incentivo público e por problemas políticos e econômicos dos países de língua portuguesa.

Um exemplo emblemático desse atraso é o do dicionário da Academia Real de Ciências de Lisboa, que levou mais de dois séculos para ficar pronto. Em 1694, a Academia Francesa já tinha publicado o seu dicionário; em 1780, foi a vez da Academia da Espanha. Em 1793, a Academia de Lisboa planejou fazer uma obra colossal que servisse de referência para a língua portuguesa, mas acabou virando motivo de piada, pois a empreitada não saiu da letra “A”, terminando com a palavra “azurrar”. Em 1976, uma nova tentativa de novo empacou na primeira letra do alfabeto; o dicionário completo de “A” a “Z” só foi concluído em 2001.

**A**tualmente, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha é a única obra especializada em etimologia ainda editada no Brasil. As duas primeiras edições desse dicionário foram publicadas na década de 1980 pela editora Nova Fronteira, quando o lexicógrafo e etimólogo ainda era vivo. Depois disso, o dicionário só voltou a ter uma nova edição em 2007 lançada pela Lexikon, editora especializada em títulos voltados para estudos da língua portuguesa que detém os direitos sobre a publicação da obra até hoje. Com 744 páginas, a edição à venda

atualmente em livrarias (com preço a partir de 108 reais) é de 2010 e traz poucas atualizações em relação à obra original.

Embora não se trate de um dicionário etimológico, o Houaiss também é uma fonte importante de consulta para pesquisadores interessados na origem das palavras. Mesmo que sem aprofundamento, o dicionário traz informações sobre a datação e a origem de vocábulos, incluindo alguns que só recentemente foram incorporados à língua portuguesa e não constam no dicionário de Cunha.

A história da lexicografia portuguesa começa no século XVI com a publicação dos dicionários de Jerônimo Cardoso. Esses primeiros dicionários eram bilíngues: português-latim e latim-português, e, por isso, são fundamentais, até hoje, para os estudos etimológicos. Outro título histórico de referência é o *Vocabulario Portuguez e Latino*, obra enciclopédica em oito volumes publicada no começo do século XVIII pelo monge Raphael Bluteau.

O primeiro dicionário propriamente etimológico da língua portuguesa foi publicado em 1836 por Solano Constâncio. Outra referência importante do século XIX é o *Manual Etimológico* de Adolfo Coelho, de 1890. “O mérito desses autores é inquestionável, sobretudo o de Adolfo Coelho, mas lendo suas obras, observa-se a necessidade de detalhamento maior e sobretudo de uma maior preocupação tanto com as primeiras ocorrências, quanto com noções histórico-comparativas da linguística românica”, avalia Viaro.

Dentre os títulos do gênero publicados desde então, três são considerados referência pelos estudiosos: o dicionário do brasileiro Antenor Nascentes, de 1932, foi o primeiro a expressar uma preocupação maior com o método científico e com a pesquisa etimológica e filológica. O português José Pedro Machado, de 1952, foi pioneiro na datação dos verbetes, mas se limita ao século em que a palavra entrou no léxico. A datação foi refinada no dicionário de Antônio Geraldo Cunha, o único editado atualmente no Brasil, mas segue com lacunas importantes.

“O Cunha trabalhou praticamente de forma solitária”, afirma Viaro. “Ele foi muito bem com os textos medievais até o Renascimento, mas nós já começamos a perceber falhas a partir do século XVII. Muita palavra entrou no século XX, mas ninguém estudou.”

Viaro ressalta que o trabalho de Antônio Geraldo da Cunha era todo manual. O etimólogo pegava a palavra, fazia uma ficha com todas as informações e ia juntando essas fichas em um arquivo gigante. A cada leitura, se descobrisse a palavra em um texto mais antigo, ele tinha que recorrer à ficha e, se fosse o caso, corrigi-la. Somente a pesquisa sobre o português medieval resultou na elaboração de cerca de 170 mil fichas. “Quantas palavras o Cunha pode ter perdido por distração porque ele não associou na hora que a ocorrência era mais antiga do que aquela que ele tinha lá na ficha?”, questiona Viaro.

Em nota enviada à reportagem, a Lexikon afirma que o dicionário de Cunha é “certamente o mais atualizado dos dicionários etimológicos em língua portuguesa”. A editora afirma que as atualizações da publicação são voltadas principalmente para o acréscimo de novas palavras ou de novas acepções de palavras já existentes. Diz ainda que as datações podem ser corrigidas se houver pesquisas comprovando que sua primeira atestação é diferente daquela registrada na obra, mas que casos desse tipo são raros. No momento, não há previsão para uma nova edição do dicionário.

**C**om a intenção de mudar esse cenário, a meta do dicionário etimológico da USP é elaborar uma obra à altura das melhores do mundo. Uma das principais referências é o Dicionário Oxford, obra editada há mais de 150 anos pela Oxford University Press, a maior editora universitária do mundo, e que contém cerca de 600 mil palavras da língua inglesa.

No Oxford, cada palavra é acompanhada de informações sobre pronúncia, significado atual e forma mais antiga em inglês escrito. A obra informa não só a datação mais antiga dos vocábulos, mas também data as diferentes acepções que o termo foi adquirindo ao longo da história. O dicionário traz ainda mais de 3,5 milhões de abonações - ou seja, trechos de textos ou frases que ilustram o significado da palavra em um determinado contexto - garimpadas em fontes como textos literários, periódicos especializados, roteiros de filmes e livros de culinária. O Oxford é atualizado a cada três meses, num processo que inclui a revisão dos verbetes já existentes e o acréscimo de novos.

“Ninguém consegue vencer a qualidade do Dicionário Oxford, que traz informações riquíssimas e é muito bem organizado”, avalia o professor Bruno Maroneze. Mas

também há dicionários etimológicos de qualidade em outros idiomas, como o *Trésor de la langue française* e o *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, de Joan Corominas, referência em espanhol. Um dos méritos desses dicionários é que eles esmiúçam a história das palavras chegando, às vezes, a dedicar mais de uma página para um único verbete.

Já os dicionários de língua portuguesa costumam ser bem mais sumários. É comum que tragam a informação de que a palavra veio do latim ou do grego, mas sem dizer como ela chegou até a nossa língua. É o caso de “fotografia”. Os dicionários, em geral, registram apenas que a palavra é formada pela composição de elementos gregos: “*photo*”, que quer dizer luz, + “*graphem*”, que quer dizer escrever, registrar, + o sufixo “*ia*”, que indica substantivo.

“O leigo, ao se deparar com essa explicação, terá a impressão de que a palavra fotografia foi criada na língua portuguesa a partir de radicais gregos. Mas não foi nada disso que ocorreu”, explica o linguista Aldo Bizzochi, do núcleo de etimologia da USP. “A palavra fotografia foi criada na língua francesa em 1826 pelos inventores da técnica. A palavra portuguesa é um empréstimo do francês, veio de *photographie*. Esse tipo de informação histórica você não encontra nos nossos dicionários.”

**A** incorporação das novas ferramentas computacionais aplicadas à etimologia – um dos principais pilares do projeto de dicionário etimológico elaborado na USP – foi feita em parceria com o Instituto de Matemática da universidade.

A grande aposta em um primeiro momento foi o Moedor, software desenvolvido para o projeto com a habilidade de distinguir as palavras de um documento e catalogar os diferentes contextos em que são usadas. “O programa parece um moedor de carne. Você pega um texto, joga no programa e ele vai desmembrar o texto em todas as palavras que o compõem”, explica Aldo Bizzochi. À medida que o material era inserido no banco de dados do Moedor, a ferramenta checava, de forma automática, se a datação das palavras era anterior àquela que já estava registrada no banco de dados e fazia as atualizações necessárias. O programa permitiu rever, por exemplo, a data de nascimento da palavra brigadeiro, na acepção de doce de

leite condensado. Datado pelo Houaiss como sendo da década de 1950, o vocábulo foi identificado em um livro de receitas de 1948.

A etimologia entrou na vida de Bizzochi, um pesquisador paulistano de 61 anos, durante a pós-graduação. Foi em uma disciplina de lexicologia, cursada durante o mestrado em Linguística na USP, que ele teve a ideia de desenvolver uma pesquisa sobre os processos de criação de palavras em cinco idiomas: inglês, francês, italiano, alemão e português. O trabalho virou seu tema de doutorado e acabou sendo publicado num livro em 1998. Bizzochi conheceu Mário Viaro em um congresso e passou a colaborar com ele. Durante o pós-doutorado, sob a supervisão de Viaro, Bizzochi trabalhou com a implantação do sistema informatizado do dicionário etimológico e com a busca de registros mais antigos das palavras em relação à data registrada nos dicionários, um processo que os etimólogos chamam de retrodatação.

O ponto de partida para a construção do banco de dados foi a inserção do dicionário de Jerônimo Cardoso, do século XVI, o primeiro registro dicionarizado das palavras de língua portuguesa. Depois disso, foram sendo inseridas obras como o dicionário de Bluteau e textos de publicações diversas cuja coleção digitalizada está disponível na Hemeroteca Nacional. Nos últimos anos, o trabalho teve seu ritmo reduzido depois que o programa começou a apresentar problemas de lentidão após a incorporação de um grande volume de texto nas bases de dados - só o dicionário de Bluteau tem mais de 8 mil páginas.

Outra vantagem do Moedor é o uso de inteligência artificial. “Você pega, por exemplo, um adjetivo que está no feminino plural, a ferramenta converte a palavra para o masculino singular que é a forma do dicionário. Se tem um verbo que está conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, ele vai trazer para o infinitivo e assim por diante. Mas, ao mesmo tempo, o programa registra a grafia original da palavra, ou a flexão”, conta Bizzochi.

Com a ajuda desta ferramenta, desde o início do projeto do dicionário, os pesquisadores conseguiram coletar dados sobre a datação de mais de 25 mil verbetes que podem ajudar a refinar as informações encontradas atualmente nos nossos dicionários. Descobriu-se, por exemplo, que a palavra uranologia, que

consta em Cunha e no Houaiss como um vocábulo de 1858, é bem mais antiga do que se pensava, já que aparecia no próprio título do dicionário de Bluteau, editado em 1712, na forma do adjetivo uranológico.

A datação de uma palavra é só o começo do trabalho do etimólogo. O especialista precisa também elaborar hipóteses sobre como foi a transmissão das palavras ao longo do tempo. Isso requer investigar, por exemplo, as mudanças sonoras que ocorreram na incorporação para a língua estudada. Segundo Viaro, compreender as mudanças fonéticas “é expediente imprescindível para separar as boas etimologias das más”.

Por isso, outra aposta no campo da informática foi o desenvolvimento do Metaplasgador, uma ferramenta que utiliza algoritmos para testar se a evolução da palavra segue ou não as leis fonéticas. Ou seja, se na passagem de uma língua para a outra - no caso específico do programa, do latim para o português -, o vocábulo sofreu modificações conforme os padrões esperados. Por exemplo, a transformação do “p” entre vogais em “b”, como em *lupum*/lobo ou *saponem*/sabão. “As leis fonéticas são complexas para a nossa cabeça, mas para uma máquina é super fácil”, afirma Viaro.

Quando a palavra latina é inserida, o programa mostra - na ordem em que ocorreram historicamente - todas as modificações fonéticas regulares pelas quais o vocábulo passou até a forma que teria no português atual, o que permite testar hipóteses sobre a origem da palavra. Se o resultado das transformações coincidir, de fato, com a forma portuguesa atual do vocábulo - como ocorre com *lupum*/lobo - pode-se considerar que a origem da palavra foi provada. Se o resultado for diferente, porém, será preciso encontrar provas em outras línguas ou em outros contextos similares da mesma língua que possam explicar por que isso ocorreu. Caso contrário, de acordo com o professor da USP, é melhor admitir que a origem do vocábulo é desconhecida.

Mas Viaro vê limites para as contribuições que as ferramentas computacionais podem dar à etimologia. “Não acho que etimologias sem respostas suficientes hoje em dia terão algo mais palpável no futuro, mediante o avanço de técnicas. Isso me soa demasiadamente positivista”, argumenta. “A falta de dados muitas vezes é algo

irrecuperável. Da mesma forma que um paleontólogo se consola em recuperar parte da vida de um período por meio dos fósseis, a etimologia também só tem o que foi escrito e o que foi encontrado.”

Além do desenvolvimento de ferramentas automatizadas para o tratamento dos dados, outra novidade que tem impulsionado os estudos etimológicos é a digitalização das fontes históricas. Antigamente, para ter acesso às obras mais antigas escritas da língua portuguesa, os pesquisadores precisavam se deslocar e consultá-las fisicamente em bibliotecas e arquivos públicos. Hoje estão disponíveis na internet documentos históricos como o *Vocabulário Portuguez e Latino* e outros dicionários antigos.

Outra iniciativa que tem sido uma mão na roda para os etimólogos é o Google Livros, um repositório de publicações escaneadas pela empresa de tecnologia. Nesse repositório, é possível pesquisar palavras em versões integrais de livros em língua portuguesa, dos séculos XVI ao XIX, que já estão em domínio público. Isso ajuda a identificar os contextos mais antigos do uso das palavras e refinar as datações. A plataforma conta com mais 10 milhões de livros digitalizados em vários idiomas (não há estatísticas específicas sobre o número de obras em português).

A ferramenta foi usada, por exemplo, por Bruno Maroneze na pesquisa sobre a palavra abacaxi. “Quase todos os dados de datações sobre os usos da palavra foram encontrados no Google Livros. Mas não é só só digitar lá e pronto. Você também tem que imaginar que o vocábulo pode estar grafado de uma outra forma. Então você tem que procurar ortografias alternativas, como ‘abacachi’ ou ‘avacaxi’”, conta o professor da UFGD.

**É** difícil dizer com precisão em que momento surgiu a curiosidade humana pela origem das palavras. No Ocidente, os textos do filósofo grego Heráclito de Éfeso, escritos há mais de 2,5 mil anos, são, talvez, os primeiros registros desse interesse. Mas a etimologia só ganhou status de disciplina científica na virada do século XVIII para o XIX, quando os pesquisadores passaram a fazer comparações sistemáticas entre vários idiomas. No século XX, após as duas guerras mundiais, as pesquisas etimológicas perderam prestígio. Isso ocorreu principalmente porque a linguística deixou de se interessar pelo passado e pela evolução das línguas para se dedicar a



estudos voltados para uma abordagem contemporânea dos fenômenos linguísticos. Foi somente no fim do século XX que o campo voltou a ganhar espaço na academia.

Mesmo com a retomada das pesquisas na área, existem poucos especialistas no mundo que se dedicam exclusivamente ao estudo da origem das palavras e que poderiam ser considerados etimólogos em tempo integral. No Brasil, os pesquisadores da área não encheriam uma sala de aula se fossem todos reunidos (dentre os milhares de grupos de pesquisas listadas no site do CNPq, apenas quatro têm desenvolvido pesquisas específicas sobre etimologia). Eles não são apenas etimólogos e se dividem entre esse e outros ramos da linguística, como morfologia, lexicografia e filologia.

Para o professor Aldo Bizzochi, a interrupção dos estudos no século XX tem reflexos até hoje na formação de novos pesquisadores. Mas, no caso brasileiro, ele também atribui a escassez de etimólogos a outro motivo: “Para você trabalhar com etimologia, você precisa ser poliglota, ter uma cultura geral e uma cultura literária muito grande. E, infelizmente, a maioria das universidades hoje não está formando pessoas com esse perfil.”.

Na avaliação de Mário Viaro, o cenário é de deserto. “Não é como em outras áreas, como a sintaxe, por exemplo, que tem centenas de pessoas e dá para fazer um congresso”, afirma. Por conta da escassez de pesquisadores dedicados à área, faltam especialistas em temas como línguas africanas. Como consequência disso, há casos como o da palavra *cafundó*, em que o vocábulo é registrado nos dicionários como sendo “de origem africana”, ou seja, sem especificação do idioma como ocorre com as palavras europeias. “Não tem ninguém que trabalhe com isso. São muitas línguas africanas e elas têm estruturas muito diferentes uma da outra. Então não dá para generalizar”, lamenta o professor da USP.

Um gargalo para a atração de novos pesquisadores para a etimologia é o tempo e dedicação exigidos pelos estudos da área. Só para explicar a origem da palavra *zebra*, por exemplo, Mário Viaro e o zoólogo Nelson Papavero escreveram um livro de cerca de 200 páginas. O trabalho desmonta hipóteses de que a palavra - registrada pela primeira vez no século IX - teria origem hebraica, árabe ou latina e

afirma que o mais provável é que ela venha de uma palavra germânica que tinha o significado genérico de “animal que serve para o sacrifício”. Depois de chegar ao galego-português, a palavra se espalhou para o resto do mundo. “É um trabalho de formiga. Cada palavra dá uma pesquisa especial”, afirma Viaro.

○ Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa da USP poderia contribuir para combater as pseudoetimologias que tanto preocupam os pesquisadores da área. São explicações fantasiosas para a origem das palavras que circulam na mídia e na internet, como a que defende que a palavra aluno significa sem luz ou que criado-mudo tem origem racista porque remete aos escravos que faziam trabalhos domésticos.

Em alguns casos, os próprios dicionários acabam sendo fonte de etimologias fantasiosas. É atribuída a Antenor Nascentes a responsabilidade pela difusão da falsa etimologia da palavra larápio, divulgada em portais como o G1 e o jornal Estado de Minas. Segundo a história contada no dicionário de Nascentes, “houve em Roma um pretor que dava sentenças favoráveis a quem melhor pagava. Chamava-se ele Lucius Antonius Rufus Appius. Sua rubrica era L.A. R. APPIUS. Daí chamar-lhe o povo larappius, nome que ficou sinônimo de gatuno”. Essa história, no entanto, não tem comprovação em nenhum documento histórico. Até hoje a origem da palavra é considerada obscura.

Ainda não será por agora, no entanto, que as lacunas dos dicionários etimológicos de língua portuguesa serão preenchidas. Isso porque, dez anos depois de ter sido lançado, o projeto do dicionário da USP está parado, principalmente por falta de financiamento. Originalmente, os recursos para o dicionário viriam da própria universidade. Segundo o professor Mário Viaro, quando o núcleo de etimologia foi fundado, o compromisso assumido na gestão do então reitor João Grandino Rodas era de que a USP investiria 300 mil reais anuais durante três anos para as atividades do núcleo. Mas essa promessa acabou não se concretizando.

Um ano depois, já na gestão de Marco Antônio Zago, ficou claro que praticamente toda a verba anunciada ficaria na promessa, sob a alegação de déficit no orçamento da USP. O projeto acabou recebendo apenas 6% do montante previsto inicialmente, ou seja, 18 mil reais. De acordo com Viaro, foi preciso então negociar para que

fossem assegurados, no mínimo, recursos suficientes - em torno de 100 mil reais - para garantir o pagamento do programador que já tinha sido contratado para cuidar da parte computacional do dicionário e de dois pós-doutorandos - um deles o pesquisador Aldo Bizocchi - que já tinham tido a bolsa aprovada. No fim, a USP aceitou cobrir, ao menos, essas despesas, o que ajudou na estruturação do banco de dados do dicionário e no desenvolvimento do Moedor.

A Universidade de São Paulo informou que, em 2014, houve redução de recursos em todas as unidades e órgãos da universidade em função do contexto de crise econômica com “consequente redução de recursos destinados ao orçamento da USP pelo governo estadual”. Por isso, a verba destinada aos Núcleos de Apoio à Pesquisa - caso do núcleo de etimologia - teve que ser contingenciada como uma das medidas para que a instituição tivesse condições, ao menos, de arcar com as despesas obrigatórias.

Depois disso, o projeto praticamente não recebeu mais recursos. Para desenvolver o programa Metaplasador, por exemplo, o professor Mário Viaro diz ter contratado uma empresa com dinheiro do próprio bolso, no valor de 3,8 mil reais. Os pesquisadores passaram a buscar então fontes alternativas de financiamento. Mas, segundo Viaro a proposta do projeto - fazer um dicionário dinâmico, permanentemente atualizável - não era enquadrável em editais públicos de agências de fomento à pesquisa. Os pesquisadores foram atrás também de recursos privados, sem sucesso. “Acabei desistindo de buscar parcerias desse tipo, pois achei muito complicado aliar os interesses dos financiadores e os do núcleo”, afirma Viaro.

O que ajudou a manter o projeto foram as bolsas pagas aos estudantes de graduação que se incumbiram da tarefa pesada de alimentar o banco de dados. Entre 2017 e 2018, o projeto chegou a ter 10 bolsistas, reduzidas a duas já no biênio seguinte. Segundo a USP, neste período “houve um aumento expressivo no número de solicitações, sem aumento equivalente no número de bolsas disponíveis”. Por isso, o comitê avaliador “optou por atender o maior número possível de projetos recomendados, o que resultou na redução do número de bolsas distribuídas por projeto”.

O núcleo de etimologia não chegou a ter um espaço físico próprio para desenvolvimento das atividades. Aos poucos, os pesquisadores que integravam inicialmente a rede do projeto se dispersaram em função de outros compromissos acadêmicos. “As pessoas não podem ficar disponíveis para sempre”, constata Viaro. Em paralelo, os programas computacionais desenvolvidos para a elaboração do dicionário começaram a apresentar problemas como a lentidão no banco de dados.

A situação se agravou ainda mais quando o professor do Instituto de Matemática Marco Dimas Gubitoso, que era responsável por coordenar todo o braço computacional do projeto desde o início, adoeceu. Os pesquisadores chegaram a tomar um susto, pois os dados coletados até então estavam no computador de Gubitoso e por pouco não se perderam. Os dados foram recuperados, mas em fevereiro deste ano, o professor do IME morreu, levando com ele boa parte do conhecimento sobre a programação do dicionário.

Depois que os programas começaram a apresentar problemas, em 2019, Mário Viaro voltou a fazer pesquisas com métodos manuais. “Isso tomou muito tempo meu, até me prejudicou em alguns momentos do ponto de vista acadêmico”, conta o professor. “Corri o risco de sair da pós-graduação porque meu número de publicações era pequeno para o que era exigido pela Capes”, a agência federal que avalia os programas de mestrado e doutorado.

Desanimado, ele decidiu, pelo menos por ora, dar um tempo no projeto. A plataforma usada pelos pesquisadores para atualizar o banco de dados do dicionário foi desativada e o professor diz nem se lembrar mais da senha de acesso. Para dar continuidade ao projeto da forma como foi idealizado, seria preciso fazer uma revisão dos cerca de 25 mil verbetes que foram retrodatados e continuar ampliando a base de dados. Além disso, com os problemas que foram aparecendo, etapas mais complexas da elaboração do dicionário, como a história das palavras, não chegaram a ser desenvolvidas. A parte de programação também precisaria ser toda refeita.

Atualmente, Viaro tem se dedicado ao estudo do dicionário do Jerônimo Cardoso e ainda nutre alguma esperança de, no futuro, retomar o projeto do dicionário etimológico se tiver recursos. Para ele, a única saída para conseguir recursos é

rever o projeto original, de modo que ele possa se enquadrar em modalidades públicas de financiamento. Seu sonho é ter dinheiro para pagar uma equipe dedicada à parte computacional. Uma das referências é *Dictionnaire Étymologique Roman*, um projeto internacional que se dedica a pesquisar a etimologia do léxico comum às línguas românicas. A iniciativa já recebeu, desde 2008, mais de 700 mil euros de financiamento (em torno de 3,5 milhões de reais).

Colunista do jornal gaúcho *Zero Hora*, o doutor em Letras Cláudio Moreno escreve há quase 25 anos artigos sobre língua portuguesa, muitos deles sobre etimologia. Para escrever seus textos, ele consulta assiduamente dicionários, mas acredita que o Brasil dificilmente terá um dicionário etimológico à altura dos melhores do mundo, pois obras assim são muito caras: “Isso envolve um mercado rico que compre e financie, mas o português é uma língua muito paroquial”. Ele ressalta que o Oxford, que é uma obra de referência, tem uma grande empresa por trás. A editora responsável pelo dicionário é uma organização global com mais de 6 mil funcionários em 53 países e que vende produtos e serviços em quase 100 idiomas. Só no atual projeto de revisão do dicionário estão sendo investidos 34 milhões de libras (mais de 200 milhões de reais).

No entanto, na avaliação do gramático e filólogo Evanildo Bechara, presidente da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, a ideia de que os dicionários etimológicos da língua portuguesa estão desatualizados é equivocada. Bechara considera que as obras elaboradas por Antenor Nascentes, Pedro Machado e Antônio Geraldo da Cunha são robustas (ele próprio foi assistente de Antenor Nascentes na cátedra de Filologia Românica da Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ).

“Por paradoxal que possa parecer, há numerosos casos de palavras recentes que se constituem em enigmas etimológicos, para os quais contribui um processo de globalização tão acelerado e avassalador, quanto desumanizante”, diz Bechara. “Um dicionário geral, por natureza, estará sempre ‘atrasado’ ao tomar-se em consideração a ilimitada produtividade de uma língua viva.”

A Academia Brasileira de Letras está elaborando atualmente um Dicionário da Língua Portuguesa que traz alguns poucos verbetes com informações limitadas

sobre etimologia, que não incluem a datação das palavras. O conteúdo do dicionário está sendo disponibilizado gratuitamente no site da ABL à medida que os verbetes vão ficando prontos (a expectativa é que a obra completa tenha mais de 200 mil entradas). A Academia não deu detalhes de como está sendo elaborada a parte etimológica do dicionário e afirmou que o valor que está sendo investido na iniciativa diz respeito “somente à administração da casa”.

Para Aldo Bizzochi, a falta de investimento em um projeto como o dicionário da USP está relacionada à visão de que as ciências humanas não têm serventia prática. “Não tem uma aplicação tecnológica para o nosso conhecimento, o que a gente gera é basicamente cultura”, lamenta. “Os burocratas de plantão vão dizer que precisamos investir dinheiro em coisas que tragam soluções para os grandes problemas do país e saber a origem das palavras não é uma delas.”

Relatório

## **Como tudo começou**

Sempre gostei de ler colunas sobre etimologia em jornais e revistas. Durante um tempo, no ensino médio, cheguei a colecionar e organizar em uma pastinha, em ordem alfabética, a coluna *O berço da palavra* que era assinada pelo jornalista Márcio Cotrim e publicada às segundas-feiras no jornal *Estado de Minas*.

Era um conteúdo que eu consumia como mero entretenimento, sem o olhar de que havia uma ciência ali por detrás, mas já naquela época me chamava a atenção o fato de que, volta e meia, a origem de algumas palavras ou expressões era objeto de controvérsias e rendia assunto nas colunas seguintes por meio, por exemplo, de cartas de leitores que traziam outra versão sobre essa origem.

A etimologia é uma área que já há algum tempo recebe certa atenção da mídia. São conteúdos que, em geral, aparecem em colunas de língua portuguesa e têm como foco a origem de palavras específicas. Podem ser citadas como exemplos atuais a coluna *O prazer das palavras*, publicada no jornal *Zero Hora* por Cláudio Moreno; a coluna do jornalista Sérgio Rodrigues, na *Folha de S. Paulo*; e a coluna

*Sem papas na língua*, com o professor Deonísio da Silva, veiculada pela BandNews FM.

Quando ingressei como aluna do Amerek - Curso de Especialização em Comunicação Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), passei a olhar para as colunas e notícias sobre o assunto com um outro olhar, me questionando mais sobre os aspectos científicos que envolvem a busca da origem de uma palavra e/ou expressão: por que, afinal, muitas vezes, é tão difícil encontrar uma resposta para essa origem? Por que há tantas controvérsias na área? E tantos termos cuja origem, no final das contas, não tem resposta?

Percebi também que a presença da etimologia na mídia praticamente se restringe à curiosidades sobre a origem de palavras, a área é pouco divulgada como ciência, etimólogos não costumam ser ouvidos e o campo ainda sofre com a disseminação das pseudoetimologias, explicações sem fundamento científico para a origem de vocábulos e, principalmente, de expressões que circulam na internet e mesmo em veículos tradicionais da imprensa.

Essas reflexões me levaram, ainda no primeiro período do curso, a pensar que esse poderia ser um tema interessante para o trabalho final da disciplina *Introdução à Divulgação Científica*, ministrada pelo professor Yuriy Castelfranchi no segundo semestre de 2020. Como se tratava de uma disciplina de curta duração e com pouco tempo para fazer o trabalho, a ideia, neste primeiro momento, era simples: fazer uma proposta de teaser para um podcast sobre o assunto. Não houve, portanto, muito espaço para aprofundamento do debate.

Somada à percepção que ficou na minha cabeça de que o tema poderia ser aprofundado, o assunto voltou a me chamar a atenção em novembro de 2021. Na época, inspirados pelo Mês da Consciência Negra, portais como a BBC Brasil e a Agência Lupa publicaram uma lista com palavras e expressões que deveriam ser evitadas porque teriam origem racista, como criado-mudo e fazer nas coxas. Depois, os dois sites tiveram que se corrigir por falta de evidências. Um erro que, acredito eu, dificilmente cometeriam ao abordar outras áreas da ciência.

Foi quando me veio à mente a ideia de retomar o tema no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Amerek, o que permitiria tratá-lo de forma mais aprofundada. A ideia, inicialmente, era fazer uma reportagem ou uma série de reportagens para mídia impressa que pudesse explorar temas como as

pseudoetimologias e os desafios envolvidos na busca pela origem de palavras e/ou expressões.

Para entender o cenário da etimologia no Brasil e mapear possíveis fontes, no primeiro esboço de pauta, foi necessário investigar quais eram os grupos de pesquisa e quais eram os pesquisadores que faziam etimologia no Brasil no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Buscando os termos “etimologia” e “etimológico”, localizei apenas seis grupos, uma primeira sinalização de que há poucos especialistas no tema no Brasil. Mais à frente, em uma pesquisa mais aprofundada, descobri ainda que nem todos os grupos que apareciam nessa pesquisa desenvolviam pesquisas específicas sobre a etimologia.

Um dos primeiros passos foi a definição do público-alvo do produto. O orientador Bernardo Esteves sugeriu que o público-alvo fosse delimitado tomando como base um veículo real. Foi escolhida então a revista *piauí*, publicação mensal lançada em 2006. Segundo dados do seu mídia kit de 2022, 92% dos leitores da revista pertencem às classes A e B, 52% têm mais de 35 anos e 83% tem grau de instrução superior:

*Nossos leitores não se definem por gênero, idade ou faixa de renda. O que os une é a escolaridade, uma das maiores entre o público leitor brasileiro. São pessoas com capital intelectual, que já ocupam posições de liderança ou estão a caminho de um dia liderar, seja nas redações, no poder ou nas universidades. Quanto mais a educação se universalizar no Brasil, mais leitores terá a piauí. (PIAÚÍ, 2022, p.8)*

Trata-se de uma revista que abre espaço para pautas diversificadas, não factuais; e que valoriza o aprofundamento em detrimento da velocidade, com textos mais longos e contextualizados, a construção da narrativa e a humanização das fontes. Características que considerei interessantes pensando em um trabalho que pudesse contribuir para fechar minha formação no Amerek.

## **Qual história contar?**

No início, a pauta começou bastante aberta. A ideia era abordar o universo das notícias falsas envolvendo a etimologia, incluindo o debate sobre as palavras e/ou expressões supostamente racistas, as controvérsias e como funcionam as



pesquisas na área. Só depois a reportagem foi ganhando foco em torno do projeto do dicionário etimológico de língua portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), diante da necessidade de se investir em uma história que pudesse servir de fio condutor para a matéria.

Em um segundo momento, para a elaboração de uma versão mais aprofundada da pauta, foi necessário fazer uma imersão no tema, por meio do levantamento de pesquisas científicas sobre etimologia e de conteúdos sobre o assunto na mídia, como reportagens e colunas. Foram consultados artigos científicos, livros, aulas e dicionários gerais e etimológicos de língua portuguesa e de línguas estrangeiras. Nessa fase, busquei entender quais são as principais questões que afetam a área, conceitos e o que os pesquisadores têm estudado.

A escassez de bibliografia acadêmica sobre a etimologia em si - e ainda mais sobre temas específicos dentro desse campo, como os dicionários etimológicos - foi um dos desafios nessa etapa, além do fato de que os títulos que são publicados no mercado editorial, em geral, não são confiáveis, uma vez que tratam a etimologia como mero entretenimento, sem preocupação com o ponto de vista científico. Segundo o professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP Mário Viaro, existem obras de variada qualidade sobre a etimologia, “desde as que têm certo fundamento, mas são confusas e crípticas, até as que são totalmente não-fundamentadas, pois seguem a linha das etimologias fantasiosas”. (p.23)

Mesmo os dicionários, como conta a reportagem, podem conter erros e são fontes passíveis de desconfiança. Navegar por esse universo, onde veículos tradicionais costumam errar, foi uma questão que me preocupou bastante. Ficou claro que seria preciso tomar muito cuidado na escolha, por exemplo, das palavras que poderiam ter sua história contada na reportagem.

Durante a pesquisa também constatei que não existem atualmente no Brasil eventos acadêmicos específicos da área, como congressos ou simpósios. Normalmente, os trabalhos são apresentados em eventos mais gerais sobre linguística ou áreas afins como filologia e lexicologia, conforme foi confirmado pelos pesquisadores na fase de entrevista. Essa lógica também é aplicada à publicação de artigos, uma vez que o único periódico mais específico dedicado ao tema é o *Arquivos do Nehilp*, editado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Isso ocorre porque, por razões históricas, a etimologia foi - e ainda é - uma área pouco estudada no mundo e, menos ainda, no Brasil. Constituída como um campo científico na virada do século XIX para o século XX, ela perdeu espaço na academia no período posterior às duas guerras mundiais e os estudos na área só foram retomados no século XX, o que causou uma descontinuidade. De acordo com Viaro, Bizzochi, Botta, Gubitoso e Vieira (2017):

*Os estudos sobre a língua portuguesa ressentem-se desses acidentes históricos, pois esta passou a ser estudada historicamente somente no final do século XIX e início do XX. Tudo o que se tem nesta área se deve ao esforço individual de poucos pesquisadores, como José Pedro Machado (1952-1977, 1981) em Portugal e Antônio Geraldo da Cunha (1982, 1989, 2003, 2006) no Brasil. (VIARO, BIZZOCHI, BOTTA, GUBITOSO E VIEIRA, 2017, p.84)*

Outro problema decorrente desses acidentes históricos é o pequeno número de pesquisadores que se dedicam ao tema atualmente. Durante a entrevista, o professor da USP Mário Viaro, por exemplo, comparou a situação da área a um deserto. Como consequência disso, as possíveis fontes para a reportagem já eram, de partida, limitadas, uma vez que não há muitos pesquisadores que se dedicam ao tema no Brasil.

É importante ressaltar também que, em uma área que ainda está engatinhando no país, os poucos pesquisadores que existem atualmente no Brasil acabam sendo todos, de certa forma, conectados ao professor Viaro - o principal nome atualmente em etimologia de língua portuguesa - ou são antigos orientandos ou, pelo menos, adotam as pesquisas de Viaro como referência para desenvolver seus estudos.

Com base nesta pesquisa bibliográfica, foram levantadas 10 questões que poderiam ser abordadas na reportagem como o projeto do dicionário etimológico da USP e a qualidade dos dicionários etimológicos de língua portuguesa, a automatização da pesquisa etimológica, o status atual da área no Brasil, as pseudoetmologias e as dificuldades de financiamento. Ainda nesta fase da pauta foram listados sete possíveis entrevistados, sendo seis pesquisadores (selecionados com base em critérios como análise do lattes e papel no projeto do dicionário), um divulgador de redes sociais e um divulgador da grande mídia.

Para a execução da pauta, as entrevistas foram feitas a distância, pelo aplicativo Zoom. No fim, foram entrevistados seis pesquisadores da equipe do

dicionário da USP: Mário Viaro, da USP; Aldo Bizzochi, também da USP; Bruno Maroneze, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no Mato Grosso do Sul; Graça Rio-Torto, da Universidade de Coimbra; Américo Venâncio Lopes Machado Filho, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); e Clotilde Murakawa, da Universidade Estadual Paulista (Unesp); além de uma pesquisadora de fora da equipe do dicionário, Alexia Duchowny, da área de Linguística Histórica da UFMG e organizadora do livro *Pelas veredas da etimologia*.

Além desses pesquisadores, foram entrevistados dois divulgadores que desenvolvem um trabalho considerado sério: Cláudio Moreno, doutor em Letras e colunista do jornal *Zero Hora*, e Rafael Rigolon, professor do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e criador da página *Nomes científicos* no Facebook e Instagram.

Nas entrevistas, os pesquisadores foram questionados sobre temas como o projeto do dicionário da USP, méritos e deficiências dos dicionários etimológicos de língua portuguesa, os principais desafios das pesquisas na área, a relação com as novas tecnologias, a divulgação da etimologia na mídia e os impactos das notícias falsas para o campo. Também foram feitas perguntas sobre a relação deles com a área.

Para os divulgadores foram feitas perguntas sobre o interesse pela área, fontes consultadas e cuidados adotados para escrever colunas, relação com os dicionários etimológicos, divulgação de notícias falsas, etc.

Após as entrevistas, foi necessário também buscar posicionamentos da Editora Lexikon, editora que é responsável atualmente pela edição do dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha, e da USP. No caso da USP, a assessoria de imprensa não respondeu à demanda. A resposta teve que ser obtida por meio do Serviço de Informação ao Cidadão, com base na Lei de Acesso à Informação.

Um dos desafios nesta parte da apuração foi reconstituir a história do dicionário, especialmente nos seus anos iniciais, uma vez que as informações sobre esses eventos estavam centralizadas no professor Viaro que, decorridos já cerca de 10 anos, não tinha mais esses dados facilmente à mão. Posteriormente, ele conseguiu recuperar parte delas. Ainda assim, para obter alguns dados complementares e compreender melhor as questões envolvendo o financiamento do projeto, foi preciso consultar, por exemplo, os primeiros bolsistas de programação do dicionário, Gustavo Luiz Vieira e Augusto Abello.

Para a redação da reportagem, foi necessário fazer a transcrição das entrevistas. A partir das transcrições e da pesquisa em fontes bibliográficas foi elaborado o mapa da reportagem, um primeiro esboço de como a matéria poderia ser organizada, considerando a abertura, o desenvolvimento e o encerramento do texto. Essa mapa continha dez eixos, começando com a história da palavra abacaxi e terminando com o debate sobre a inutilidade da etimologia, passando por pontos como o nascimento e morte do dicionário, a etimologia na era digital, o status da área no Brasil e as pseudoetimologias.

Embora eu já tivesse mapeado as entrevistas e também as partes mais relevantes dos conteúdos bibliográficos, uma das maiores dificuldades na fase da redação da matéria - talvez mesmo do trabalho inteiro - foi fazer um recorte. Em meio a um volume grande de informações coletadas por leituras, vídeos, notas institucionais, muitas horas de entrevistas e diversos exemplos de histórias de palavras que poderiam ser contadas, não foi fácil decidir o que deveria entrar e o que deveria ficar de fora.

Como resultado disso, a primeira versão da reportagem ainda tinha um foco bastante ampliado, trazendo discussões mais gerais como as pseudoetimologias e o debate sobre as expressões com origem supostamente racista. Algumas fontes (Machado Filho, Rio Torto e Murakawa) foram cortadas já nessa primeira versão por não acrescentarem muito à pauta, mas ainda assim, o texto ficou bastante extenso.

Depois, sob a orientação do Bernardo, a reportagem foi reorganizada com enfoque na história do dicionário - do seu nascimento até sua "morte" - e de seus três principais pesquisadores: Viaro, Bizzochi e Maroneze. Com esse redirecionamento, a reportagem ganhou um enquadramento mais claro. Foram feitos cortes, vários cortes (inclusive de mais duas fontes Duchowny e Rigolon), mudanças na estrutura da reportagem, e alguns acréscimos, por exemplo, de informações sobre a trajetória dos pesquisadores.

Nessa parte também houve a adição de uma nova fonte que não estava prevista inicialmente: a Academia Brasileira de Letras (ABL). A ABL - assim como as outras fontes institucionais que já tinham sido contactadas para a matéria (Editora Lexikon e USP) - demorou a responder à demanda. Mas, no fim, quando eu já estava achando que poderia ser o caso de desistir, felizmente, o acadêmico Evanildo Bechara enviou as respostas via e-mail.

A realização da entrevista via e-mail certamente foi uma limitação, uma vez que não houve espaço para questionamentos em cima das respostas. Além disso, algumas questões não foram respondidas pela Academia, o que impossibilitou, por exemplo, a obtenção de mais detalhes sobre a pesquisa etimológica que está sendo desenvolvida para o *Dicionário de língua portuguesa* da Academia.

Apesar dessas questões - e ainda que a entrevista com a Academia Brasileira de Letras tenha entrado já nos acréscimos da matéria por assim dizer - acho que no fim essa adição foi positiva por se tratar de uma instituição de peso e também porque a fala do Bechara, como alguém de fora do “clube dos etimólogos” ligados à USP, acabou sendo interessante por trazer um outro ponto de vista para a matéria.

## **Lições do Amerek**

As aulas do Amerek, sem dúvida, me estimularam a ter um olhar mais crítico para produtos de comunicação da ciência. Nesse sentido, uma questão, em especial, me soou onipresente nas disciplinas: a reflexão sobre qual imagem da ciência estamos alimentando nas escolhas que fazemos ao produzir um conteúdo como uma reportagem. O enfoque da pauta, a forma como os personagens são retratados, o caminho narrativo... enfim, cada decisão tomada ao longo do percurso pode contribuir, por exemplo, para reforçar estereótipos ou para que tenhamos sucesso em passar uma imagem mais realista da ciência.

Ligada a essa discussão sobre uma visão mais realista da ciência, por diversas vezes, as disciplinas também colocaram em debate o quanto pode ser interessante trazer para os produtos de comunicação uma visão mais processual da atividade científica, mostrando como ela é feita, com seus erros, acertos e dúvidas. Segundo Castelfranchi (2007), “um bom jornalista científico não pode ser apenas um hábil cativador de audiências, um esperto simplificador de conceitos, um tradutor de termos e dados para linguagem ‘comum’”:

Além de fatos, acontecimentos, descobertas, invenções, deve saber contar, explicar, contextualizar as hipóteses, as teorias, os debates, as dúvidas. Junto com dados, noções, termos, deve saber lidar com histórias e personagens, e com a história, a filosofia, a sociologia das ciências. Deve saber mostrar, indagar e comentar não só as idéias científicas, mas

também os métodos e os processos da ciência. (CASTELFRANCHI, 2007, p. 11)

Seguindo essa linha de raciocínio, acredito que a história do dicionário e de seus personagens, com todos os revezes que afetaram o projeto desde o início, além de ser interessante do ponto de vista narrativo, o que pode despertar o interesse do leitor, também contém uma série de elementos que permitiram abordar algumas das principais questões que afetam os etimólogos, das dificuldades de financiamento aos desafios que são inerentes à própria pesquisa na área.

Por meio da história do dicionário, a reportagem mostra como a ciência é afetada por problemas políticos e econômicos. Por exemplo, os cortes de verbas no orçamento do setor que vêm ocorrendo no país nos últimos anos e que deixaram o projeto sem recursos financeiros ou ainda a falta de uma cultura de investimento privado nas pesquisas no Brasil. Além da desvalorização das ciências humanas que, por vezes, são consideradas inúteis pelos gestores, como exemplificado pelo seguinte trecho da matéria:

Para Aldo Bizzochi, a falta de investimento em um projeto como o dicionário da USP está relacionada à visão de que as ciências humanas não têm serventia prática. “Não tem uma aplicação tecnológica para o nosso conhecimento, o que a gente gera é basicamente cultura”, lamenta. “Os burocratas de plantão vão dizer que precisamos investir dinheiro em coisas que tragam soluções para os grandes problemas do país e saber a origem das palavras não é uma delas.

Outro ponto abordado é a pressão da academia, que exige produtividade dos pesquisadores, como explica o Apoorva Mandavilli no *Manual de Edição em Jornalismo Científico* (2020), publicação do programa Knight de Jornalismo Científico (KSJ) do Massachusetts Institute of Technology (MIT) nos Estados Unidos:

*As instituições acadêmicas usam métricas rigorosas e, sob muitas perspectivas, antiquadas para avaliar seu corpo docente. Elas baseiam as decisões sobre quem efetivar ou promover obedecendo a alguns critérios — por exemplo, quantas publicações um pesquisador ou uma pesquisadora possuem ao longo da carreira e em quais periódicos de alto impacto eles publicaram esse material. (MIT, 2020, p.8)*

Essa pressão é exemplificada pelo caso do professor Mário Viaro que contou, durante a entrevista, que quase teve que deixar a pós-graduação por estar publicando pouco:

Depois que os programas começaram a apresentar problemas, em 2019, Mário Viaro voltou a fazer pesquisas com métodos manuais. “Isso tomou muito tempo meu, até me prejudicou em alguns momentos do ponto de vista acadêmico”, conta o professor. “Corri o risco de sair da pós-graduação porque meu número de publicações era pequeno para o que era exigido pela Capes”, a agência federal que avalia os programas de mestrado e doutorado.

A reportagem também fala um pouco do método etimológico abordando questões que são caras para os pesquisadores da área, como a busca da primeira atestação da palavra, as dificuldades envolvendo o estudo com fontes documentais e a necessidade de se provar equivalências sonoras na comparação entre línguas.

A matéria aborda ainda como as novas tecnologias estão transformando a pesquisa etimológica por meio da digitalização das fontes de pesquisa e de softwares que automatizam os estudos. Mas sem deixar de abordar o fato de que essas ferramentas - mesmo com tantos avanços - têm limitações e não conseguem solucionar todas os problemas que afetam a área, restando apenas ao etimólogo, muitas vezes, admitir que a origem daquela palavra é desconhecida:

*Mas Viaro vê limites para as contribuições que as ferramentas computacionais podem dar à etimologia. “Não acho que etimologias sem respostas suficientes hoje em dia terão algo mais palpável no futuro, mediante o avanço de técnicas. Isso me soa demasiadamente positivista”, argumenta. “A falta de dados muitas vezes é algo irrecuperável. Da mesma forma que um paleontólogo se consola em recuperar parte da vida de um período por meio dos fósseis, a etimologia também só tem o que foi escrito e o que foi encontrado.*

É o caso da pesquisa sobre a palavra abacaxi feita pelo professor Bruno Maroneze. O artigo publicado pelo docente na revista *Filologia e Linguística Portuguesa* da USP abre uma controvérsia em relação à etimologia do vocábulo registrada nos dicionários, que até então era considerada consensual. Mas, no fim, o trabalho fica no campo das hipóteses e levanta mais perguntas do que traz respostas para a origem desse termo. Além disso, seus achados podem ser transitórios, como o próprio pesquisador admite ao dizer que “tudo pode mudar” se forem encontrados documentos mais antigos com o nome da fruta.

Outro cuidado adotado foi o de mostrar a ciência como um processo de construção coletiva. Afinal, a ideia do dicionário era reunir especialistas com diferentes expertises e a dispersão dos pesquisadores - somada ainda ao corte dos bolsistas de graduação e dos programadores por falta de recursos financeiros - acabou sendo um dos motivos que levaram o projeto a naufragar.

Por outro lado, a preocupação com a diversidade de fontes da reportagem, mesmo estando na minha cabeça desde o início da pauta, não se concretizou na prática. Logo que comecei a apuração percebi que essa seria uma dificuldade pois, como expliquei anteriormente, a etimologia é uma área ainda em constituição no Brasil e são poucos os pesquisadores que podem ser chamados de etimólogos. Esses poucos são majoritariamente homens brancos e do Sudeste do país.

Ainda assim, levantei alguns nomes de mulheres que poderiam trazer contribuições para a pauta e cheguei a entrevistar três delas (Graça Rio-Torto, Clotilde Murakawa e Alexia Duchowny). Também foi contactada a professora Maria Filomena Gonçalves, da Universidade de Évora, que não se sentiu à vontade para falar sobre o assunto. Mas, dentre as mulheres entrevistadas, nenhuma era etimóloga. Além disso, no fim, nenhuma das três se enquadrava no foco narrativo da matéria em torno da história do dicionário.

Também cheguei a entrevistar um integrante do movimento negro, Alexandre Braga, presidente da União de Negras e Negros Pela Igualdade de Minas Gerais (Unegro-MG). Sua participação na pauta, no entanto, perdeu o sentido quando a reportagem foi toda redirecionada em torno da história do dicionário e a discussão sobre as palavras ou expressões racistas foi cortada.

Apesar de limitações como essa, espero, com a reportagem, ter contribuído para divulgar a etimologia de uma forma diferente da que habitualmente aparece na mídia. A história do dicionário não é uma história de sucesso. Ao longo de seus cerca de dez anos de existência, o projeto não obteve os resultados esperados, impactado por uma série de fatores que, por fim, colocaram em xeque sua sobrevivência, da falta de recursos financeiros às dificuldades de disponibilidade dos pesquisadores.

Contar a história do dicionário é também uma forma de falar da ciência nacional - e de todas as dificuldades que ela enfrenta - e de dar visibilidade às ciências humanas, especialmente à linguística, área pouco divulgada. Além disso, em uma área que os pesquisadores constantemente se queixam de achismos



populares e explicações *ad hoc* que acabam, muitas vezes, sendo divulgados como verdades, apresentar alguns de seus aspectos científicos pode contribuir para mostrar o quanto as pesquisas na área são complexas, controversas e repletas de incertezas.

De acordo com Castelfranchi:

Comunicar a ciência não é apenas montar um colar de pérolas (teorias de sucesso, descobertas geniais, invenções “revolucionárias”). É mostrar em sua ação uma atividade humana imersa na sociedade, atormentada, feita de dúvidas e de lutas. É mostrar que a ciência, mais que uma máquina semi-mágica para fornecer respostas certas, é um jogo apaixonante para inventar novas perguntas. (CASTELFRANCHI, 2007, p.19)

Após o término do TCC e da jornada no Amerek, encerro o curso mais consciente da necessidade de buscar sempre, em minhas reportagens, abordagens mais contextualizadas e críticas da ciência, que sejam capazes de evidenciar os processos de construção do conhecimento - com suas limitações, conflitos, riscos e incertezas - e os múltiplos atores que influenciam nesses processos; e também de mostrar que a ciência é uma atividade feita por seres humanos de carne e osso com suas histórias de vida, valores, crenças e sentimentos, interesses e dúvidas.

## Referências bibliográficas

BIZZOCHI, Aldo. *210 milhões de linguistas*. Facebook: Língua e tradição. 7 de novembro de 2021. Disponível em <https://m.facebook.com/linguaetradicao/photos/a.113495957065686/421618949586717/?type=3&source=54> Acesso em 28 de julho de 2022.

CASTELFRANCHI, Yurij. *Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática*. In: MASSARANI, Luisa e POLINO, Carmelo (Org.) *Los desafíos y la evaluación del periodismo científico en Iberoamérica*, Santa Cruz de la Sierra/Bolívia, p. 10-20, 2007.

CASTELFRANCHI, Yurij. *Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária)*. In: MASSARANI, Luisa.

(Coord.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*, 1ª edição, Rio de Janeiro, Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2010, p. 13-21. Disponível em [www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/725-tcc-32](http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/725-tcc-32)

Knight Science Journalism Program at MIT, 2020. *Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ MIT*. Cambridge, Mass.: Massachusetts, Institute of Technology. Disponível em [ksjhandbook.org](http://ksjhandbook.org)

PIAUI mídia kit 2022. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2022/06/mi%CC%81dia-kit-2022.pdf>. Acesso em 29 de junho de 2022.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*, 1ª edição, Editora Contexto, 2011

VIARO, Mário Eduardo. *História das palavras: etimologia*. Museu da Língua Portuguesa. Disponível em <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Historia-das-palavras.pdf>

VIARO, Mário Eduardo; BIZZOCCHI, Aldo Luiz; BOTTA, Mariana Giacomini; GUBITOSO, Marcos Dimas; VIEIRA, Gustavo Luiz. *O desafio da retrodatação para os estudos etimológicos de língua portuguesa*. In: FARGETTI, Cristina Martins; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). *Léxico em foco: dicionários que sonhamos*. Editora Cultura Acadêmica, Araraquara, 2019, p. 83-99. Disponível em <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n32---e-book.pdf>